



Obesidade em foco: análise das reportagens da revista *Saúde! É vital*¹

Ariane Silva DUCATI²
Mariana Somavilla NUNES³
Universidade Estadual de Ponta Grossa, UEPG

Resumo

O presente texto é parte integrante de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) ⁴ que tem como um dos objetivos específicos divulgar a problemática da Obesidade. Assim, este estudo se propõe a analisar a inserção do tema e a abordagem utilizada nas reportagens da revista *Saúde! É vital*. A partir de embasamentos teóricos sobre as funções do Jornalismo Científico e de Revista, construiu-se a análise do veículo.

Palavras-chave

Jornalismo Científico; Jornalismo de Revista; Revista *Saúde! É vital*; Obesidade.

Considerações Iniciais

O interesse e a ideia de se trabalhar com a temática da Obesidade surgiram a partir da evidência dos altos índices da doença, não só no Brasil, como em todo o mundo. E, a partir do questionamento sobre a maneira com que a mídia impressa, mais especificamente a revista *Saúde! É vital* (Editora Abril), trata este assunto, decidimos relacionar neste artigo a análise de reportagens com os fundamentos do jornalismo científico e do jornalismo de revista.

A divulgação científica ou o jornalismo científico, por sua vez, coloca-se a favor do grande público que detém o direito de acessar informações científicas e tecnológicas através de uma linguagem simples e objetiva. Paralelamente, o jornalismo de revista se

1.Trabalho apresentado ao Intercom Junior, na Divisão Temática de Jornalismo, do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

2.Estudante de Graduação. 4º ano do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UEPG, email: arianeducati@hotmail.com

3.Estudante de Graduação. 4º ano do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UEPG, email: mariana_s_nunes@hotmail.com

4.Elaine Javorski, orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e Professora do Departamento de Comunicação da UEPG, email: elainejavorski@hotmail.com



propõe a mostrar de que maneira os assuntos e acontecimentos estão interligados e quais as razões de eles se relacionarem. Ou seja, a abordagem e investigação de temas relevantes à sociedade devem ser reportadas pelas revistas através de um texto “redondo” (LUSTOSA, 2006). Expressão esta que indica que determinada reportagem fornece tudo o que o público precisa para compreender o assunto.

Sendo assim, produzimos uma análise estatística das matérias das edições que circularam entre janeiro de 2008 e fevereiro de 2009 da revista *Saúde! É vital*, separando-as por temática. Além da análise de conteúdo das reportagens que abordaram o assunto Obesidade. Com o objetivo de retratar a presença do tema estudado no veículo eleito para a pesquisa.

Jornalismo Científico e de Revista

Associado ao movimento científico nos séculos XV/XVII, o jornalismo científico surge incentivado pela censura da Igreja e do Estado à atividade científica praticada, principalmente, pelas academias de ciências, como a Accademia Secretorum Natural (1560), a Accademia dei Lincei (1603), a Accademia dei Cimento (1657), a Royal Society (1620).

Oldenburg é considerado o inventor do jornalismo científico com a publicação do periódico *Philosophical Transactions*, pela Royal Society, em março de 1665. Ele utilizava uma linguagem acessível, que era compreendida até mesmo pelas pessoas de pouco estudo. Além disso, o autor, que dominava vários idiomas, pôde traduzir e divulgar diversos textos em inglês e latim, que estavam restritos aos que detinham os conhecimentos dos idiomas.

À medida que o interesse cultural e científico aumentava, as publicações em jornais e revistas da Inglaterra e em toda Europa ganhavam repercussão e novos adeptos, expandindo este gênero de comunicação para as colônias britânicas na América do Norte.

Foi no final do século XIX que a profissionalização e a especialização da atividade científica acabou por separar formalmente a comunicação científica e os meios de popularização. Desta época, datam publicações como o *American Journal of Science* (1818), o *Scientific American* (1845), a *Nature* (1869) e a *Science* (1880).



Já no Brasil, a pesquisa científica brasileira passou a ganhar força no fim do século XIX, com a organização da comunidade científica. A partir da década de 40 foi que a ciência passou a fazer parte, definitivamente, da agenda da sociedade e do governo brasileiro. Um dos motivos, também verificado em outros países, foi o impacto causado pela força do avanço tecnológico mostrada pelos aliados ao longo da II Guerra Mundial.

Pois, com a II Guerra Mundial, o público interessado em informações sobre ciências e financiamento de pesquisas científicas aumentou muito. Assim, ampliou-se também o espaço que a mídia dedicava a esses temas. As grandes empresas de comunicação (jornais, revistas, TVs, rádios) começaram a investir em pesquisas com a audiência, para saber sobre o que o público gostaria de se informar cientificamente, ou seja, consumir.

Neste contexto, em 1948, José Reis, considerado o patrono do jornalismo científico no Brasil, junto com outros cientistas, fundou a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Uma das finalidades era debater a respeito da função social da ciência.

Os anos de ditadura militar no Brasil também contribuíram com o desenvolvimento tecnológico e científico do país. Seguindo a doutrina nacionalista, o governo militar articulou grandes projetos tecnológicos que buscavam transformar o país em independente e soberano.

Contudo, os jornalistas começaram a escrever particularmente sobre ciência somente no início da década de 80. Nessa época, surgiram revistas como *Ciência Hoje* (SBPC) e *Ciência Ilustrada* (Editora Abril). Em 1990, foi a vez de a Editora Globo lançar a *Globo Ciência* e de a Editora Abril colocar no mercado a *Superinteressante*.

“No início dos anos 90, as editorias dos grandes jornais estavam se estruturando e abrindo cada vez mais espaço para a produção jornalística nas áreas científica e tecnológica, apesar de, na maioria das vezes, privilegiarem material de conteúdo internacional, sobretudo de fontes americanas de notícias”. (OLIVEIRA, 2002)

Segundo Oliveira, nos últimos vinte anos, o jornalismo científico avançou significativamente no país. Isso ocorreu, entre outros motivos, graças ao fortalecimento da pesquisa científica nacional.



“As assessorias de imprensa das universidades, instituições de pesquisas e agências de fomento à pesquisa estavam se organizando e passaram a produzir informativos, jornais e revistas, que vêm alimentando consideravelmente os grandes veículos de comunicação do país”. (OLIVEIRA, 2002)

O fato de as pessoas terem acesso às informações científicas, principalmente aquelas que afetam diretamente suas vidas, tem grande importância no desenvolvimento e na consolidação do jornalismo científico. Por isso, uma das funções dos meios de comunicação é facilitar o acesso do público a esse tipo de notícia, como uma forma de socialização do conhecimento, a fim de contribuir para a formação de uma cultura científica. Os avanços tecnológicos e científicos estão cada vez mais presentes no contexto político, social e econômico.

Além disso, o grau de desenvolvimento científico e tecnológico de um país está diretamente relacionado com uma melhoria na sua qualidade de vida. Uma vez que a maior parte dos investimentos em ciência e tecnologia vem dos cofres públicos, ou seja, da própria sociedade, ela deve receber os benefícios de tais investimentos. Nesse cenário, os veículos de comunicação representam a principal fonte de informação à disposição do público.

O jornalismo científico, por sua vez, tende a mostrar que tanto a ciência como a tecnologia tem influência nas atividades sócio-econômicas e políticas de um país, sendo, portanto, de grande interesse.

“As reportagens sobre temas políticos, normas públicas, meio ambiente, economia e negócios, bem como sobre sociedade, leva o redator de ciência a se prender mais a aspectos das realidades dos afazeres mundanos do que à “realidade” da ciência. É um mundo de poder político e econômico, que historicamente permanece vulnerável à manipulação para fins privados e individuais. Esses fins incluem o ganho assim como o evitar danos econômicos ou danos a reputações pessoais. É um mundo no qual o estudo científico pode ser solicitado a produzir respostas nas quais o governo e a política social podem se basear”. (BURKETT, 1990)

Para Warren Burkett (1990), a escolha de qual parte dos acontecimentos e assuntos “merecem ser publicados é um importante aspecto da tarefa de um jornalista científico”. Por isso, o exercício de julgar bem a importância das notícias é fundamental para o profissional dessa área.



Quanto às notícias referentes à medicina e à saúde, como as que iremos analisar a seguir, por envolverem grande interesse tanto do público em geral, como dos pesquisadores e profissionais da área, exigem um rigor jornalístico ainda maior. No sentido de verificar informações obtidas, consultar fontes credenciadas para falar sobre o assunto da reportagem, atentar às leis e regulamentações alusivas às pesquisas médicas, políticas de hospitais e à ética científica.

Nilson Lage (2003) destaca que a função da reportagem especializada em ciência e tecnologia é “transformar conhecimento científico-tecnológico em informação jornalística”. Ele aponta ainda alguns objetivos específicos:

- a. Numa sociedade em que as pessoas têm formação técnico-profissional especializada, informar a cada um desses especialistas o que está sendo produzido, pensado ou especulado em áreas de conhecimento que não aquelas do consumidor da informação;
- b. Promover a substituição de antigas por novas tecnologias, mantendo o público informado sobre os avanços técnico-científicos e orientando-o quanto a escolhas relacionadas com a utilização de serviços, tais como assistência médica, acesso a informações, etc.;
- c. Complementar e atualizar a formação básica generalista das pessoas;
- d. Indicar áreas de interesse que poderão ser aprofundadas pelo consumo de produtos culturais mais específicos, como livros e cursos especializados;
- e. Fornecer insumos e modelos de pensamento para reflexão mais atualizada sobre grandes temas, como a vida, o universo ou o futuro”. (LAGE, 2003)

As reportagens nessa área cumprem seis funções básicas, segundo Lage, que são: educativa, econômica, informativa, social, político-ideológica e cultural. Desta forma, o texto jornalístico deve traduzir o conhecimento científico, tornando-o atraente e compreensível, pois seu principal objetivo é aproximar esses dois universos, o da ciência e aquele em que o consumidor da informação está inserido. Uma forma de cumprir esta meta é através de relacionamentos e associações.

Quanto ao material publicado nas revistas, Marília Scalzo (2003) acredita que ele cumpre uma função cultural mais complexa que a simples transmissão de notícias ou comunicação, pois deve trazer reflexão e análise, além de entreter seu leitor. Assim, a definição da pauta para este veículo segue uma lógica diferente daquela estabelecida nos jornais. Isso ocorre, principalmente, devido à periodicidade do meio, que é mais



elástica. Assim, o jornalista deve encontrar diferentes enfoques para o tema, sempre em busca de uma abordagem original.

“Cada revista tem sua ‘voz’ própria, expressa na pauta, na linguagem e em seu projeto gráfico”. (SCALZO, 2003)

A revista deve produzir um texto interpretativo, onde não existe a preocupação com a construção de um lead, como acontece nos jornais, na televisão e no rádio (LUSTOSA, 1996). Outra característica do veículo é que seus textos são recuperativos, ou seja, a contextualização do acontecimento ocorre através da recuperação de outros fatos relacionados com o principal.

“Mesmo quando o texto da revista é relativamente curto, ao contrário do que acontece com outros veículos de comunicação de massa, a sua estrutura e conteúdo procuram oferecer uma matéria mais rica em detalhes e informações diferenciadas”. (LUSTOSA, 1996)

Além disso, como uma complementarização dessa relação de jornalismo científico e de revista, tem-se o jornalismo especializado, que aparece com a condição de divulgar a mensagem especializada através de uma linguagem certa para ser entendida por todos os públicos e não apenas pelos técnicos.

Frederico de Mello Brandão Tavares (2007) discute, em seu artigo *Percursos entre o Jornalismo e o Jornalismo Especializado*, que a posição do jornalismo especializado de revista a respeito da ideia de uma opinião pública se modifica, bem como, o interesse público em relação ao que é noticiado também pode ser modificado. “Em tais publicações, pela sua dimensão, abrangência e objetivos, o que é abordado ganha outras conotações” (TAVARES, 2007).

Desta forma, a partir dessas constatações teóricas, buscamos construir a análise seguinte para verificar de que maneira a temática Obesidade é conduzida e abordada nas matérias da revista.

Contextualização e análise

O último estudo do Ministério da Saúde (2008) indica que 43,3% dos brasileiros adultos estão com excesso de peso e, deste total, 13% estão obesos. Em 2007, o número total de obesos era de 12,9%, e, em 2006, era de 11,4%. Os índices da doença



aumentam a cada ano e alertam para a problemática que atinge não só o Brasil, mas todo o mundo.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), no ano 2000, já havia no mundo mais de um bilhão de adultos com excesso de peso e cerca de 300 milhões de obesos. Estes números são três vezes maiores que os registrados há 25 anos.

A OMS considera a obesidade como uma condição de acúmulo de gordura anormal ou excessivo no tecido adiposo, numa extensão em que a saúde pode ser prejudicada.

Devido aos altos índices que a Obesidade manifesta, decidimos construir esta análise sobre o referido tema. A revista *Saúde! É vital* foi o veículo escolhido para a pesquisa. A publicação é mensal e editada pela *Abril*. Em 2008, o veículo comemorou 25 anos de circulação.

Assim, privilegiamos a busca de matérias específicas sobre Obesidade ou outras que, de alguma forma, abordassem o tema. Durante o período de janeiro de 2008 a fevereiro de 2009, 16 edições foram estudadas (em novembro de 2008 foram editadas 3 edições) e verificou-se apenas três reportagens abordando a temática Obesidade.

Em fevereiro de 2003, a matéria *Obesidade e depressão - Come muito por que está triste ou... fica triste por que come demais?* foge à explicação do que é obesidade e explana em 3 páginas a relação da mesma com a depressão. Observamos somente a indicação de alguns medicamentos antidepressivos que contribuem para aumentar o apetite e o peso. Fica devendo uma contextualização para que os leitores entendam o que realmente é a doença do acúmulo exagerado de gordura.

Da mesma forma, em julho de 2008, em *A obesidade do peso normal – Quem é o falso magro?*, nosso tema de pesquisa é citado no título, porém não tem espaço no conteúdo da reportagem. Na realidade, o foco da matéria, de 2 páginas, são as pessoas que podem ser consideradas obesas, mesmo não aparentando. A matéria também não traz dados e informações sobre a Obesidade, apenas trata da questão do neo-obeso. A este grupo não é levado em consideração o termo Obesidade e, então, nos parece inadequada e apelativa a aplicação da palavra.

Em uma edição de novembro de 2008, a reportagem *Criança acima do peso tende a ter asma - Muito peso, pouco fôlego* (4 páginas), em algumas poucas frases há a citação do termo obesidade fazendo ligação com o problema da asma. Todavia, é muito pouco aprofundado e explanado as questões que envolvem a doença.



Por tudo, é possível afirmar que em nenhuma das três reportagens a obesidade é tratada como a temática principal ou com o aprofundamento necessário. Em nenhum momento as matérias trouxeram a explicação do que é a doença ou quais os critérios utilizados para se considerar uma pessoa obesa.

Tanto na segunda como na terceira reportagem citadas aqui nesta análise, verifica-se que o enfoque principal são outras duas doenças, a depressão e a asma, respectivamente. Quando a Obesidade aparece está relacionada com o acúmulo de gordura e o excesso de peso, fora de contexto ou explicação.

Nas três reportagens aqui analisadas, há um número considerável de fontes:

Reportagem	Número de fontes
<i>“Obesidade e depressão - Come muito por que está triste ou... fica triste por que come demais?”</i>	6 (seis) – dois psiquiatras, dois endocrinologistas, uma psicóloga e uma nutricionista
<i>“A obesidade do peso normal – Quem é o falso magro?”</i>	6 (seis) – três endocrinologistas, um cardiologista, um professor de educação física e uma nutricionista
<i>“Criança acima do peso tende a ter asma - Muito peso, pouco fôlego”</i>	4 (quatro) – três pediatras e uma nutricionista

O rigor jornalístico de apresentar uma pluralidade de fontes, defendido por Warren Burkett (1990), pode ser aplicado no conteúdo das reportagens. Contudo, os endocrinologistas e nutricionistas que colaboraram com o produto final publicado não contribuíram na explanação da temática da Obesidade, pois se limitam a completar os resultados das pesquisas apontadas nas matérias.

O estudo da revista identificou também duas notas que tratavam de Obesidade, tanto uma quanto a outra relacionam o tema com a questão alimentar. Em *Obesidade na ponta da língua* (edição de fevereiro de 2009), a informação apresentada relata uma pesquisa da Universidade da Pensilvânia, nos Estados Unidos, que estabelece uma relação entre sobrepeso e paladar. Os resultados do estudo, até então, não haviam sido comprovados.

A outra nota, *A ordem é comer direito* (edição do mês de junho de 2008), cita quais alimentos devem ser ingeridos e quais devem ser evitados, levando em



consideração o aumento no consumo de doces e refrigerantes pelos paulistanos nos últimos 30 anos.

As duas notas citam Obesidade em seus textos e cumprem sua tarefa de relatar, de maneira objetiva, determinado fato ou assunto. Contudo, também não aprofundam a temática, apenas fazem referência.

Durante o encaminhamento da pesquisa, constatamos que não seria suficiente apenas a análise das poucas matérias que, de alguma forma, relacionavam Obesidade em seus textos. Assim, expandimos o estudo e buscamos apurar quais as temáticas que, em contrapartida, mais apareceram nas 16 edições.

Matérias sobre:	Número de matérias
Propriedades Nutritivas de Alimentos	20
Atividade física – exercícios	11
Câncer	9
Gorduras Dieta	6
Coração Diabete	4
Obesidade Frutas Remédios Boca/Dentes Rejuvenescimento Cirurgias	3
Álcool Sono Barulho AIDS Rins Postura Joelho Calorias Alzheimer	2



Colesterol	
------------	--

Através da estatística, podemos constatar que, enquanto duas temáticas ocupam bastante espaço na publicação, outras recebem pouca atenção. Ainda que a revista contenha editoriais específicas de nutrição e medicina, o que, em boa medida, justifica a presença das temáticas mais frequentes nas matérias (Propriedades nutritivas dos alimentos e as atividades físicas), observamos que muitos assuntos ainda ficam sem espaço.

A revista, que apresenta apenas assuntos relacionados diretamente com saúde, deveria brindar com maior atenção conteúdos que estão em foco. Como, por exemplo, as recentes pesquisas sobre o aumento no número de obesos no Brasil. E, assim, servir de meio esclarecedor e de diálogo com o leitor, que procura o veículo a fim de consumir informações científicas, específicas e de qualidade.

Segundo Burkett (1990), “se tiverem que escolher entre matérias médicas, a maioria dos editores irá escolher as que versam sobre câncer, doenças do coração, ou outras igualmente letais em detrimento das que tratam de aflições menos graves”. O que fica evidente neste caso. E é explicado pelo critério de impacto que as matérias de jornalismo científico podem causar no público receptor.

Contudo, isso não justifica a pouca presença da temática Obesidade. Perde o leitor, que não tem acesso à informação completa, e perde o veículo, por não proporcionar uma matéria de qualidade, que sane dúvidas, alerte e informe com eficiência.

Considerações finais

Por tudo, o presente estudo evidencia que nem mesmo a revista *Saúde!É vital*, especializada em conteúdos sobre saúde, aborda de forma primorosa a temática da Obesidade. Diante dos altos índices relativos ao problema verificados nos últimos anos, é fundamental tratar este assunto nos meios de comunicação, a fim de alertar e contribuir para o entendimento da população.

A falta de espaço e cuidado para com o tema colabora com a não divulgação da doença, bem como, deixa de informar seus leitores sobre as causas da Obesidade, se a hereditariedade influencia na manifestação da doença, as formas de tratamento e a



atenção que é imprescindível, desde a infância, para controlar e combater o problema. Todos estes, além de outros aspectos, poderiam e deveriam ser abordados nas reportagens.

É de grande importância os veículos científicos e especializados estarem atentos aos assuntos relevantes para a sociedade. Pois, os leitores buscam ‘direto da fonte’ as informações referentes a temas específicos e esta revista analisada funciona como uma dessas fontes.

Referências bibliográficas

ALBAGLI, Sarita. Divulgação científica: informação científica para a cidadania? Disponível em: <http://dici.ibict.br/archive/00000175/>. Acesso em 14 de abril de 2009.

BURKET, Warren. Jornalismo científico: como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

LAGE, Nilson. A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.

LUSTOSA, Elcias. O texto da notícia. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

OLIVEIRA, Fabíola de. Jornalismo Científico. São Paulo: Editora Contexto, 2002.

SCALZO, Marília. Jornalismo de revista. São Paulo: Contexto, 2003.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão Tavares. Percursos entre o Jornalismo e o Jornalismo Especializado. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2007/resumos/R0648-1.pdf>. Acesso em 14 de abril de 2009.

VILAS BOAS, Sergio. O estilo magazine: o texto em revista. São Paulo: Summus, 1996.